

Nuno Ladeira



A oriente de Lisboa, olhando o Tejo, ventilado pela brisa inspiradora do mar encontra-se o edifício Casas do Tejo na Expo'98. Trata-se de uma Cooperativa de Habitação com 19 apartamentos e diferentes tipologias, quatro piscinas, cinquenta e nove lugares de estacionamento e três entradas com uma portaria.

A poética do edifício traduz-se numa arquitectura simbólica inspirada no imaginário dos descobrimentos e na aventura do mar (Manuelino, Fortes e Fortalezas do antigo império, as gares marítimas, o Mar e a Terra, o Sol e a Lua, o Branco e o Preto do Templo, o Dia e a Noite...).

O edifício surpreende com os seus aspectos variados e inesperados, sobressaindo uma "quilha" de rotura entre duas atitudes distintas "o

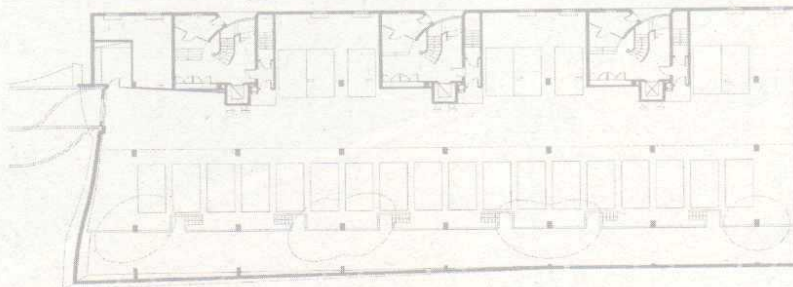
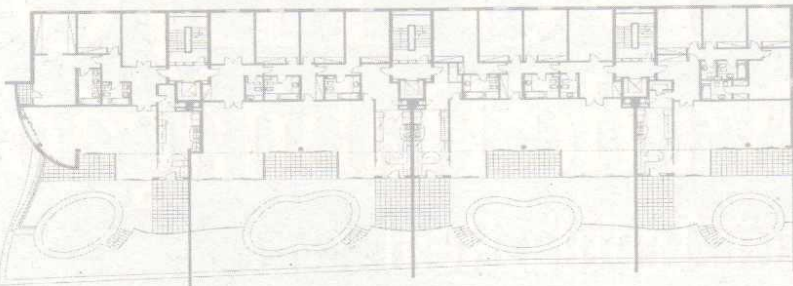
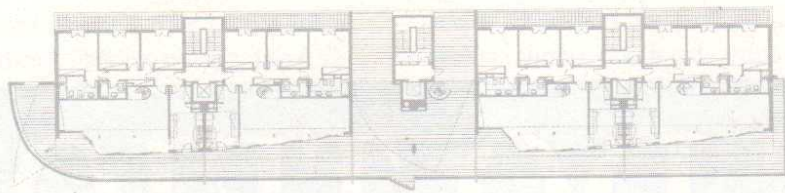
Mar e os Barcos em Terra" da qual resulta uma síntese de informalidade e intimidade.

A interacção com a paisagem circundante, sugere um navio. Será certamente pela concordância estrutural entre a arquitectura naval e uma forma de entender os edifícios.

As duas linguagens deixam-se transparecer a nascente e a poente, através de um eixo (cadáver esquisito à boa maneira surrealista), que vindo do solo rasga cinco planos horizontais e reaparece na "Proa" com grande pujança enriquecendo e dinamizando todo o edifício. Este dinamismo é fortalecido pela existência de aberturas largas e contínuas (alçado nascente) contrastando com outras de menor dimensão (alçado poente), jogando com uma correcta e magnífica colo-

cação de volumes debaixo de luz. Paredes brancas a nascente contrastam com a solidez do "azulino cascais" a poente (a escuridão), animando e contrapondo linhas sóbrias





Plantas dos pisos: Garagem; 1º piso e último piso (andar recuado)

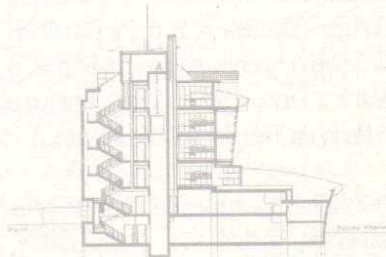
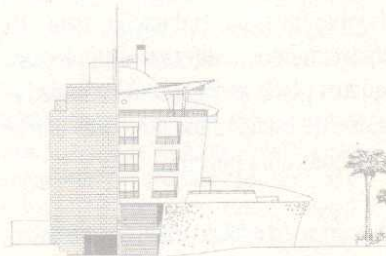
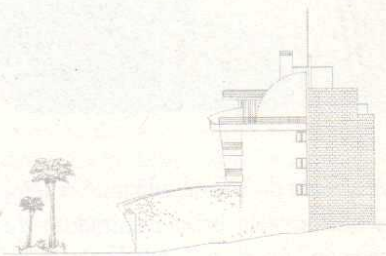


que reforçam a volumetria.

A forma, a matéria, a luz, a cor, o desenho de um detalhe e até mesmo a concepção de uma guarda metálica, forma parte integrante de todo o edifício.

Aberturas selectivas, controle da geometria dos locais, tectos rebaixados, planos inclinados difusores e volumes otimizados, em função do uso para que foram construídos, fazem também parte de toda a construção. Contrapondo os arquitectos que propagam o elogio ao radicalismo do movimento moderno, o edifício Casas do Tejo reconcilia-se com o sensual vocabulário do modernismo em Portugal, que provoca o uso da curva, da cor e de muitos outros "mecanismos".

O edifício descobre-se longitudinalmente a nascente, contribuindo para isso os espaços pictóricos. O branco é utilizado para tratar o volume, enquanto que a cor pontua algumas superfícies.



Alçado Norte (1), Alçado Sul (2), Corte

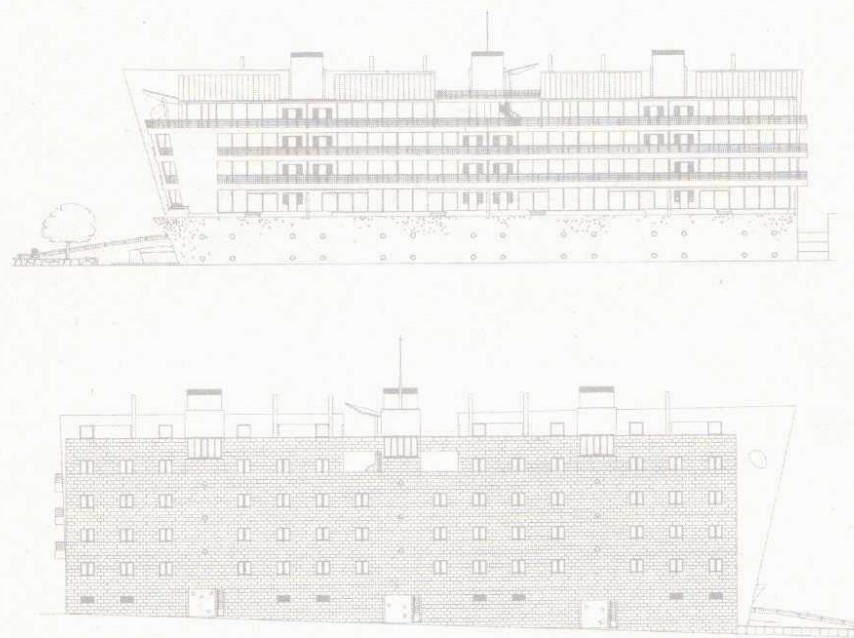
Os espaços conformados são brancos e aqueles que muitas vezes nos aparecem soltos, gravitam dentro desses espaços embora não sendo essenciais.

A cor é colocada de encontro à luz, jogando com ela, ajudando assim o edifício a ganhar uma lógica. O azul

da “quilha” define o eixo de rotura entre duas atitudes, por um lado as memórias da arquitectura em terra e por outro, o mar, os barcos e as chaminés do navio. O amarelo, verde e vermelho das duas colunas de escadas, contrastam com as paredes austeras do Alçado Poente, pontuando sítios memoriais ao longo

da fachada.

O objectivo da arquitectura é tornar significativa a existência humana, contribuindo para isso, o lado simbólico e poético da obra arquitectónica.



Alçados Nascente (1) e Alçado Poente (2)

Ficha técnica

Autor:

Prof. Arq. Troufa Real

Atelier:

Troufa Real - Arquitecto Lda.

Equipa Técnica:

Arq. Luís Cunha

Arq. Félix Peyer

Arq. Nuno Ladeiro

Arq. Nuno Carrôlo

Arq. Filipa Oliveira

Eng. Luís Malheiro

Eng. Nelson Fortes

Eng. Eugénio Motta

Comunicação Gráfica (CAD):

Gonçalo Cascais

Fotografia:

Estúdios Homem Cardoso

Secretariado:

Anabela Cbitas

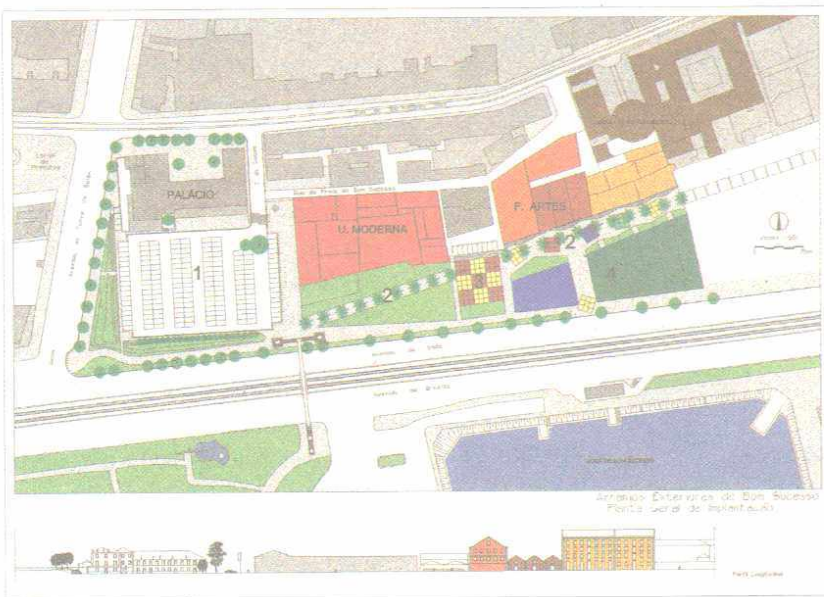
Bárbara Troufa Real

Maquete:

Paulo Martins

BOM SUCESSO, BELÉM

PLANO DE ARRANJOS EXTERIORES



A área do Bom Sucesso localiza-se na zona ocidental da cidade de Lisboa, onde se denota uma forte presença de um conjunto de elementos que pela sua génese e simbologia configuram um espaço de grande valor urbano e arquitectónico, referenciados social e culturalmente de valor monumental, histórico e evocativo.

A área de intervenção do Plano

(cerca de 4 ha), está delimitada pela Rua Bartolomeu Dias; pela Av. da Índia; pelo Centro Cultural de Belém; e pela Av. da Torre de Belém.

No Quarteirão estão localizados, o Palácio do Governador da Torre de Belém, a Reitoria da Universidade Moderna, um conjunto habitacional antigo, edifícios de valor arqueológico industrial, o Convento do Bom

Sucesso, ateliers dos escultores pertencentes à Câmara Municipal de Lisboa e onde reside o mestre Lagoa Henriques, bem como um conjunto de habitações clandestinas que no âmbito do plano, têm sido progressivamente derrubadas. A mistura do carácter erudito, resultante de uma cultura nobre e burguesa, com uma de tradição vernacular ligada a uma vivência popular e industrial, traduz-se numa importante memória simbólica, conservando uma unidade morfológica que ainda hoje se torna perceptível e que importará salvaguardar.

Com uma vivência urbana intensa e diversa, desde os seus antigos moradores à forte concentração estudantil por via da Universidade Moderna e dos turistas que se pas-



seiam entre o Centro Cultural e a Torre de Belém, tornou-se imperioso uma requalificação urbana e valorização deste espaço público.

Neste sentido, o projecto urbano do

Bom Sucesso integra-se nos propósitos estabelecidos pela Câmara de Lisboa: acabar com as barracas na cidade de Lisboa, valorizar o espaço público, cultural e socialmente. Apoiada numa estratégia de realojamento da população residente em habitações precárias, esta operação permitiu a requalificação e valorização do espaço público e de todo um património edificado, mesmo aquele que se encontrava em ruína, a favor dos residentes, dos utentes do sítio e de toda a área monumental. Constituiu também um importante contributo para a valorização da cidade, no âmbito da Expo'98.

Resumidamente, o Plano consiste na criação de uma Praça junto ao Palácio do Governador da Torre de Belém; um percurso pedonal interior, entre o Centro Cultural de Belém e o passadiço; um passeio contíguo e paralelo à Av. Da Índia; espaços verdes de enquadramento e protecção; recuperação e conservação dos edifícios em ruínas, com pintura de fachadas; uma Praceta e a instalação da Casa Museu Lagoa Henriques em edifício municipal.

A Praça compreendida entre a Av. da Torre de Belém, o edifício da Casa do Governador e a Reitoria da Universidade, será provisoriamente ocupada por um parque de estacionamento e enquadrada por uma estrutura verde, da autoria do Prof. Gonçalo Ribeiro Telles, que integra visualmente o conjunto edificado com a paisagem envolvente, especialmente em relação à Torre de Belém e ao eixo axial do Centro Cultural de Belém. A modelação do terreno e a distribuição da vegetação procura resolver o objectivo atrás exposto, o de ocultar a circulação da Av. da Índia e impossibilitar o atravessamento do passeio e da faixa relvada, procurando ainda oferecer uma perspectiva sobre a Torre de Belém para quem estiver na praça ou no Terreiro. Para além do alinhamento de árvores que definem os eixos de

relação, a vegetação é constituída por maciços arbustivos e revestimento de herbáceas vivazes. A relva ocupa a faixa de protecção à Avenida e os declives mais suaves. A evolução cromática e formal das árvores ao longo das estações é outra das preocupações tendo em vista o enriquecimento da proposta.

O passeio contíguo e paralelo à Av. da Índia, que estabelece a articulação entre os diferentes espaços, será protegido dos automóveis através de uma faixa verde sobre-elevada, de forma a marcar a transição entre o passeio e a avenida protegendo assim os peões.

O percurso pedonal interior estabelecerá a ligação entre o passadiço, localizado na proximidade da Praça e a zona da Faculdade das Artes da Universidade Moderna, seguindo o eixo visual induzido pelo Centro Cultural de Belém, será constituído por uma área pavimentada acompanhada por espaços verdes, servida por mobiliário urbano adequado e devidamente iluminada.

A Praceta, localizada entre o edifício da Reitoria e o edifício da Biblioteca será um espaço estruturante capaz de suportar diversas actividades de lazer (esplanadas, patinagem, etc.), é enquadrada a Norte por uma banca-da, cuja forma e dimensão permite uma melhor compreensão do espaço, bem como, possibilitar uma "leitura" do rio e suportar as actividades de estar.

A instalação da Casa Museu Lagoa Henriques, irá servir como um importante centro de divulgação cultural.

A reabilitação de um conjunto de edifícios em ruína, mantém o traçado original do edificado, evocativo



do período novecentista e de um imaginário que sublinha uma arquitectura de raiz industrial, onde através da cor e tendo em atenção a tradição cromática daqueles edifícios, se procura recuperar uma paleta onde se retoma a luz, a sombra, o brilho e as cores do sítio, recordando dessa forma a ambiência e a atmosfera a que aqueles edifícios na sua história estiveram ligados, contribuindo de facto para a requalificação da imagem urbana.



Equipa Técnica

Autor

Troufa Real, Arquitecto Dip ESBAL
Urbanista, Hons Dip Plan AA

Responsáveis

Troufa Real, Arquitecto Dip ESBAL
Urbanista, Hons Dip Plan AA
Gonçalo Ribeiro Telles (Arq.º Paisagista)
Lagoa Henriques (Escultor)
João Guterres (Eng.º Civil IST)

COORDENAÇÃO DOS PROJECTOS

Leonel Ferreira (Arq.º Estagiário FA/UTL)

ANÁLISE URBANA

Arq.º Carlos Albo (Arq.º FA/UTL)
Arq.º Ribeiro da Costa (Arq.º FA/UTL)
Ana Marques (Arq.º Estagiária FA/UTL)
Catarina Bentes (Arq.º Estagiária FA/UTL)
Isabel Almeida (Arq.º Estagiária FA/UTL)
Marta Baptista (Arq.º Estagiária FA/UTL)
Ruth Vaz (Arq.º Lusófona)